

## APRESENTAÇÃO

Os estudos do discurso têm seus fundamentos epistemológicos no tripé Saussure/Freud/Marx. É na escavação desses solos e na desestabilização dessas posturas que se situam as discussões apresentadas nesta Revista. O discurso, portanto, se torna um lugar de produção de conhecimento que leva em consideração os posicionamentos de seus autores, que sempre falam de um lugar determinado, marcados pelo tempo desses nossos dias de desassossego, fio discursivo que segue sem se romper dando continuidade à inquietude dos discursos. Desejo que esta Revista, hoje em seu primeiro número, reforce grupos de enunciados de tantos campos diferentes quantos sejam os autores que por aqui passem, com o tempo, a representá-la. A ordem do discurso da **Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo** visa, sobretudo, dar visibilidade aos funcionamentos de mecanismos que organizem o real, alavancando os saberes e as práticas do cotidiano.

Temos o discurso, de um lado, como o fio condutor das problematizações que, aqui, encetaremos, de outro, colocaremos uma lente sobre os modos de se ver e se pensar o corpo nas suas relações de poder entre instituições, sociedades e indivíduos. Esse inter-relacionamento apontará, acredito, para a formação de conceitos que alçam o corpo para fora de seu caráter anatômico, corpóreo e visceral. Na sua relação com a língua, a história e a imagem de nossos tempos o corpo se constitui enquanto discurso, uma vez que promove saberes - sejam eles em forma de regras ou maneiras de resistência - povoando a existência histórica dos corpos naquilo que eles têm de mito, moralidades e ficções. O corpo em si, ao inevitavelmente entrar em rede, perde seu caráter de carne viva para se transformar na virtualidade da carne, espectros da realidade que nos assombram e que exigem nossa investigação. Desse modo, os corpos constitutivamente quando olhados de perto são entidades discursivas: lugar de entrecruzamentos do exercício de poderes, que constroem saberes e que, sobretudo, são dados a ver como efeitos corporais dos indivíduos metamorfoseados em sujeitos.

Esse primeiro número, **Corpo e Mídia**, traz problematizações acerca do discurso, da constituição entre discurso e corpo, da mídia e dos entrelaçamentos da mídia com o corpo no discurso. Da maneira como pensamos o corpo, ou seja, como lugar de produção das imagens de nossa sociedade e também como armazenador dessas imagens produzidas, ele é mídia. O corpo é mídia. O corpo é o *medium* de atravessamento dos discursos e de produção dos discursos. O corpo enquanto mídia tem um funcionamento de 24 horas por dia e é intermediado em sua falha por outros corpos midiáticos, que vigiam a vida e velam a morte. A midiaticidade corporal exerce sua vigilância sem cessar. Controla a hora do movimento dos corpos. Mas também deixa-lhes o tempo para cuidarem de si e até mesmo para se ocuparem com o outro. O corpo é a mídia na qual lemos, ouvimos e recriamos nossas existências, fugazes e líquidas, ainda que contraditoriamente se busquem eternas.

Pois bem, a linha do discurso atravessa todo contato entre os sujeitos, investindo sobre os corpos por meio desta mídia eletrônica que acolhe nossas pesquisas. Com a ansiedade de toda primeira vez, almejo que as discussões aqui iniciadas venham para o que se propõem: fazer proliferar o conhecimento nas unidades de seus campos de estudo e em suas dispersões de objetos na composição do quadro de uma biopolítica da leitura e da produção dos saberes.

Nilton Milanez